

A FORÇA PROTETORA DE A MÃE DOS OPRIMIDOS NA XILOGRAVURA DE MARCELO SOARES

LA FORCE PROTECTRICE DE A MÃE DOS OPRIMIDOS DANS LA XYLOGRAPHIE DE MARCELO SOARES

Márcia Ferreira de Carvalho
Universidade Federal da Paraíba / UFPB
mardemarcia@yahoo.com.br

Maria de Fátima Barbosa de M. Batista
Universidade Federal da Paraíba/UFPB

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar, do ponto de vista da Semiótica, a xilogravura denominada *A Mãe dos Oprimidos*, de autoria do xilogravador e poeta popular Marcelo Soares. Buscamos primeiro determinar os valores dos sujeitos investidos na narrativa, com vistas a estabelecer a ideologia imanente no texto, e em seguida, mostrar as relações intersubjetivas e espaço-temporais de enunciado e de enunciação. Observamos a existência de um distanciamento entre o Sujeito enunciador e o seu enunciado.

Palavras-chave: Semiótica; Xilogravura; Mulher.

Résumé

Ce travail a pour objectif d'analyser, d'un point de vue sémiotique, la xylogravure intitulée *La mère des opprimés*, réalisée par le graveur et poète populaire Marcelo Soares. Nous chercherons dans un premier temps à déterminer les valeurs des sujets présentés dans le récit, pour établir l'idéologie prépondérante dans le texte et ensuite montrer les relations intersubjectives et spatio-temporelles de l'énoncé et de l'énonciation. Nous avons observé l'existence d'un écart entre le sujet énonciateur et son énoncé.

Mots-clés: Sémiotique, xylogravure, femme.

Introdução

A partir de um estudo semiótico de linha francesa, examinamos a representação da mulher na xilogravura *A Mãe dos Oprimidos*, com vistas a observar os valores desse sujeito e a ideologia que subjaz aos discursos.

O interesse por esse tema surgiu de leituras e cursos sobre xilogravura ministrados por Marcelo Soares nos quais a mulher é esculpida com muita frequência.

A semiótica, como base teórica, presta-se, perfeitamente, à análise do *corpus* escolhido. Por outro lado, vai além da Linguística, uma vez que se preocupa com significações que ultrapassam os limites da expressão verbal, fazendo situar a linguagem em meio a outros valores socioculturais que acompanham a construção do sentido, como o gesto, o canto, a dramatização e a imagem, permitindo compreender o homem em sua totalidade (BATISTA, 2000, p. 19)

A base teórica fundamental foi extraída do percurso da significação de Greimas (1975/ 1976/ 1979), da semiótica das culturas de Rastier (2010) e Pais (1991/ 1992/ 1995/ 2005/ 2009), complementadas por observações de outros teóricos.

Para atingir os objetivos, fizemos um levantamento bibliográfico sobre Semiótica e Xilogravura em bibliotecas específicas de folhetos, nacionais (como a Biblioteca de Literatura Popular em Verso-BLPV do Programa de Pesquisa em Literatura Popular-PPLP, ambas na UFPB) e, especificamente, as internacionais que visitamos durante o doutorado sanduíche realizado na Universidade do Porto, em Portugal, no período de dezembro de 2013 a maio de 2014. Ali, obtivemos um material considerável nas bibliotecas das Faculdades de Belas Artes e de Letras da Universidade do Porto, bem como nas bibliotecas municipais dessa cidade.

Marcelo Soares, pernambucano, nascido em Olinda, em 1953, tem uma produção xilográfica bastante vasta e de fino trato no acabamento, sendo reconhecido em todo Brasil e no exterior. Em 1985, foi convidado a criar dezesseis xilogravuras para ilustrar os capítulos da telenovela da Rede Globo *Roque Santeiro*. Hoje é patrimônio imaterial do Estado de Pernambuco, menção honrosa criada por iniciativa de Ariano Suassuna, para premiar a autoria popular que inclui, além da comenda, uma bolsa vitalícia. Atualmente, o autor mora em João Pessoa e está fazendo o Curso de Letras a distância, uma vez que ele possuía apenas o segundo grau. Sua agenda está sempre preenchida com trabalhos sobre a cultura popular, incluindo eventos, oficinas, cursos e palestras, de onde retira a subsistência para toda a família.

Análise semiótica da xilogravura *A mãe dos oprimidos*.

A xilogravura em análise, indicada a seguir, apresenta apenas duas cores (preta e branca) e mede 27x37:



Essa xilogravura é um texto icônico que retrata uma mulher coroada, protegida por duas figuras angelicais, segurando em seu ventre três pessoas que olham para ela. A narrativa se constrói a partir de dois sujeitos semióticos S_1 e S_2 :

O S_1 é discursivizado pela mulher que apresenta as características da Virgem Santíssima, em uma de suas atribuições mais relevantes: mãe dos seres que sofrem pela opressão. Esse sujeito se instaura por um querer-fazer: socorrer o povo oprimido, seu objeto de valor a que ela considera como filho. Aliás, essa filiação foi atribuída por Jesus, aos pés da cruz quando lhe diz: *Mulher, eis aí o teu filho* (*BÍBLIA SAGRADA*, 19.26, p. 1410) apontando para João que passou a representar todos os homens. Seus Adjuvantes são os dois anjos que se apoiam em seus ombros e protegem sua coroa.

O S_2 , que é representado pelas três figuras que se abrigam nos braços da mãe, ou seja, o povo oprimido, tem por Objeto de valor pedir auxílio à mãe de Deus, instaurando-se por um querer-ser salvo e liberto por ela, sendo impulsionado pela fé, por um crer-ser. A fé de S_2 é voltada para S_1 , uma vez que esse tem o poder do amor capaz de superar qualquer consequência do pecado, desde que haja arrependimento por parte do pecador.

A relação de retrospectividade que se estabelece entre S_1 e S_2 encontra-se na ordem de um querer e não de um dever, o que faz a mãe acolhê-lo em um abraço filial que abarca todos os seres. Daí, o tamanho e a espessura do braço que são figuras da força com a qual ela os abraça.

Essa mulher, vista pelos papéis temáticos de mãe e rainha e não pelo nome próprio, traz na cabeça, como já foi dito, uma coroa, símbolo de poder: a coroa imputa-lhe o *status* de rainha. No pescoço, tem um colar que conclui com uma grande cruz, simbolizando o cristianismo. Entre os seus braços, estão os filhos sofredores, formando um coração, símbolo do amor. Eles se encontram no ventre dela, olhando em sua direção que os envolve com as mãos engatadas. A parte superior do seu corpo é duas vezes mais longa que a inferior, como a demonstrar que a sua espiritualidade é maior que a sua humanidade. Neste espaço, destacam-se, mesmo em caráter ilustrativo, diversas correntes de segmentação regular, marcadas na saia, encobrendo esse lugar. No contexto da obra, em sua relação com o discurso religioso, vislumbra-se um elo comparativo, em que essas correntes podem ser interpretadas como as limitações a que a humanidade está, continuamente, submetida em consequência do próprio sistema opressor.

O enunciador/narrador considera que essa mulher é humana, mas sua humanidade é inferior a sua divindade. Esta explicação leva em consideração a proposta de Bakhtin (1993, p.18-19), quando o autor destaca a questão do significado topográfico do alto e do baixo no seu aspecto cósmico:

(...) o “baixo” é a terra; a terra é o princípio de absorção (o túmulo, o ventre) e, ao mesmo tempo, de nascimento e ressurreição (o seio materno). (...) No seu aspecto corporal, que não está nunca separado com rigor do seu aspecto cósmico, o alto é representado pelo rosto (a cabeça) e o baixo pelos órgãos genitais, o ventre e o traseiro. O realismo grotesco e a paródia medieval baseiam-se nessas significações absolutas. Rebaixar consiste em aproximar da terra, entrar em comunhão com a terra concebida como um princípio de absorção e, ao mesmo tempo, de nascimento: quando se degrada, amortalha-se e semeia-se simultaneamente, mata-se e dá-se a vida em seguida, mais e melhor.

As correntes, encontradas na saia da virgem, sugerem também a letra M, inicial da palavra mãe: mãe dos pobres, mãe dos desvalidos, mãe da pobreza, mãe misericordiosa e outras. Assim, através dessas figuras, vai se consolidando a principal temática do texto: a religiosidade.

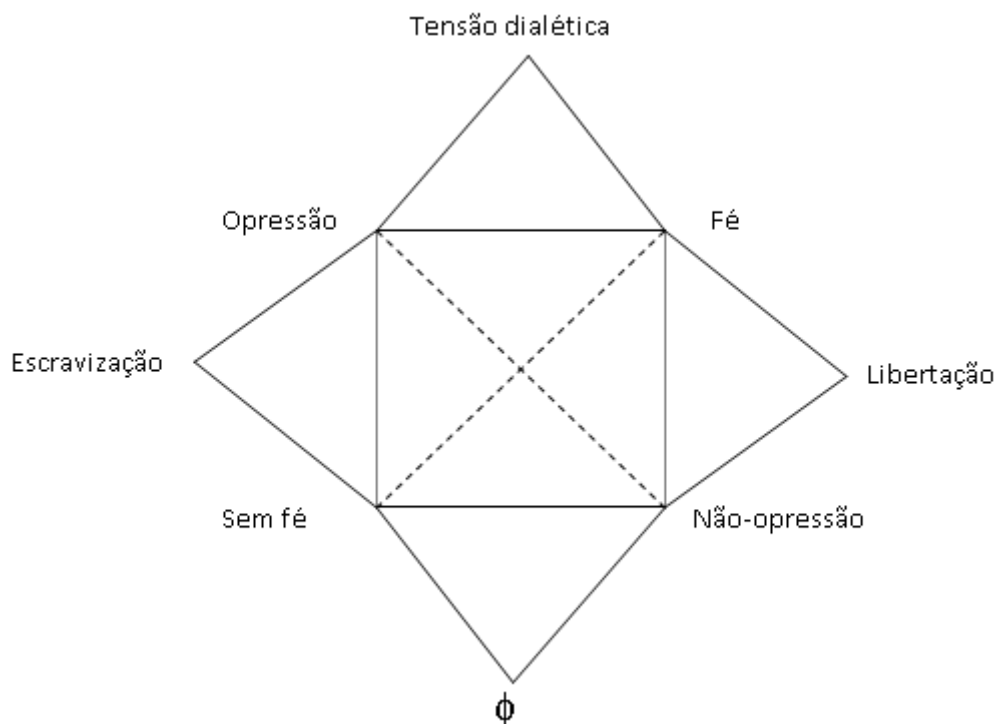
Seu rosto é gordo e redondo, em forma de lua cheia. Aliás, a lua é uma figura que aparece vinculada à concepção de Maria. A bíblia, assim, refere-se a ela no Apocalipse: “*uma mulher vestida do sol, a lua debaixo dos seus pés, e na cabeça uma coroa de doze estrelas* (BIBLIA SAGRADA, 12.1, p.1566).

Os seres sofrendores da xilogravura em análise remetem às pessoas semi-escravizadas por patrões avaros que, por sua vez, tomam-lhes as forças de trabalho, o pão e a dignidade. Vale salientar que, dentre esses, figuram políticos, coronéis, latifundiários, fazendeiros e outros usurpadores dos direitos das pessoas que lhes são subordinadas. Com frequência, esse embate cai sobre famílias de agricultores e trabalhadores rurais que viram o sonho de reforma agrária perecer e seus líderes serem assassinados pelos os detentores do poder os quais, por sua vez, não abrem mão de aumentar e proteger seu patrimônio.

A mãe dos oprimidos tem compaixão e amor puro pelos que a ela recorrem, intercedendo junto a Deus e convencendo-o a atender as reivindicações do pecador. Para essas pessoas, a mãe desperta a fé e faz renascer a esperança de poder viver num mundo onde prevaleça a justiça, o bem comum, a igualdade e o amor ao próximo por toda vida. Acreditam que até na hora da morte aqueles que se valerem da mãe terá a salvação da alma junto ao reino do Deus, pai todo poderoso, onde a mesma vive e de lá sai apenas para atender o chamado de seus fiéis.

O enunciador extratextual, naturalmente, encontra-se na Zona de distanciamento do enunciado do texto que é linguagem icônica, portanto, ídolo por se encontrar na fronteira transcendente (RASTIER, 2010). No enunciado, podemos considerar que a mãe dos oprimidos encontra-se na zona de proximidade do povo que a ela recorre: ela os abraça carinhosamente, aproximando-os do seu coração. Podemos destacar alguns fetiches: a coroa, o colar com a cruz, que remetem ao poder e à religiosidade. É interessante observar que existe uma transferência da mulher, Maria (ídolo), que normalmente está na zona distal para a zona proximal dos atores envolvidos no enunciado (o povo e os anjos).

A análise da estrutura fundamental mostrou o conflito *opressão e fé* que se encontra internalizado no povo sofrido. Este, de um lado, é escravizado por seus algozes, de outro, tem fé na Mãe dos oprimidos, mulher pura e forte que vai salvá-lo de seus opressores. Esta oposição, vista através do octógono, toma a seguinte forma:



A tensão dialética da narrativa se estabelece entre *opressão* e *fé*. As relações entre *opressão* e *sem fé* definem a *escravização*, enquanto que *fé* e *não-opressão* definem a *libertação*. *Sem fé* e *não-opressão* correspondem à inexistência semiótica que está representada pelo zero cortado.

Conclusão

Na xilografia analisada, os traços são bem definidos e os contornos produzem o tom de harmonia e sofisticação, além de se definirem, na maioria das vezes, pela forma arredondada, sobretudo nas faces de suas figuras, que lembram os volumes desenhados e esculpidos pelo colombiano Botero.

Por fim, vale observar que o presente trabalho constitui a demonstração de um processo investigativo que se encontra em andamento cujo propósito é de chegar a outros resultados no aprofundamento analítico desse tema.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. A significação como função semiótica. **Graphos: Revista da Pós-Graduação em Letras**, João Pessoa: Idéia, v. V, nº1 2000.

_____. O discurso semiótico. In: ALVES, E. F.; BATISTA, M. de F. B. de M; CHRISTIANO, M. E. A. (Org.). **Linguagem em foco**. João Pessoa: Idéia, 2001.

BIBLIA SAGRADA. 35edição. São Paulo: Editora Ave Maria, s/d.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **As astúcias da Enunciação – as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du sens**. Essais sémiotique. Paris: Seuil, 1975.

NASCIMENTO, Braulio. **Literatura de cordel: dupla dimensão semântica**. (inédito)

PAIS, Cidmar Teodoro. Sociossemiótica, semiótica da cultura e processo histórico: liberdade, civilização e desenvolvimento. In: V Encontro Nacional da ANAPOLL. **Anais**. Porto Alegre: 1991.

_____. Elementos para uma tipologia dos sistemas semióticos. **Revista Brasileira de Lingüística**. SBPC, v.6., n.1, São Paulo: 1992.

_____. Texto, discurso e universo de discurso. **Revista Brasileira de Lingüística**. Vol. VI. São Paulo: Plêiade, n.1, ano 8, 1995.

_____. **Comunicação apresentada no congresso internacional de Literatura de Cordel**. João Pessoa: Fundação casa de José Américo, 2005.

_____. Considerações sobre a semiótica das culturas, uma ciência da interpretação: inserção cultural, transcódificações, transculturais. In: **Acta Semiótica et Linguística**. João Pessoa-PB, v.14, nº 1, 2009.

RASTIER, François. **Ação e sentido por uma semiótica das culturas**. Tradução: Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2010.

_____. Conocer y Significar. Tradução: Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista. In: **Acta Semiótica et Linguística**. João Pessoa-PB, v. 17, nº 1, 2012.